

Visita para estreitar relação com os EUA

Encontro de Lula e Biden, hoje, também terá como um dos temas centrais a defesa da democracia e o combate às mudanças climáticas

» INGRID SOARES

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presidente americano, Joe Biden, se reunirão, hoje, para marcar a retomada de relações entre os dois países, estreitadas durante a gestão de Jair Bolsonaro.

Será, também, o encontro de dois líderes que derrotaram a extrema direita nas eleições e enfrentaram ataques golpistas ao assumir a presidência dos respectivos países.

Antes de embarcar, ontem, aos EUA, Lula, por meio das redes afirmou "querer construir relações de parceria e crescimento entre nossos países, pelo desenvolvimento da nossa região, de baterações pela paz no mundo e contra as fake news".

Na reunião com Biden, estarão na pauta defesa da democracia, meio ambiente, guerra da Rússia contra a Ucrânia, direitos humanos, povos originários, equidade racial e relações econômicas.

Segundo o Itamaraty, a reunião, prevista para as 17h30, servirá para renovar as relações entre o Brasil e os Estados Unidos, "tendo por base a defesa das instituições democráticas, o combate ao discurso de ódio e à desinformação, a promoção dos direitos humanos e o combate à mudança do clima".

Também serão discutidos temas de comércio e investimentos, inclusive integração das cadeias produtivas, transição energética, redução da fome e da pobreza e segurança alimentar, entre outros assuntos (leia quadro).

O Ministério das Relações Exteriores lembrou, também, que, em 2024, Brasil e EUA celebrarão 200 anos de relacionamento diplomático. Destacou, ainda, que os Estados Unidos são o segundo parceiro comercial do Brasil, registrando, em 2022, intercâmbio de cerca de US\$ 88,7 bilhões, valor inédito na série histórica.

A agenda oficial de Lula prevê um encontro às 12h30 com o senador Bernie Sanders, na Blair House, onde o presidente está hospedado, seguido de uma

reunião com deputados do Partido Democrata. Já às 14h, o petista se encontrará com representantes da Federação Americana de Trabalho e Congresso de Organizações Industriais (AFL-CIO). Amanhã, ele retorna ao Brasil.

Lucas Fernandes, coordenador de análise política da BMJ Consultores Associados, destacou que o encontro entre os presidentes deve focar na defesa da democracia, mas fez ressalvas em relação às divergências entre Lula e Biden.

"Nesse novo episódio da política brasileira, não temos um governo que vai operar de maneira tão próxima a Washington quanto na época de Bolsonaro e Trump", afirmou. "Nessa questão de ataque à democracia, Lula e Biden convergem quando precisam se defender de ataques internos, mas divergem quando precisam pensar sobre a democracia para fora dos seus países. Lula tem uma postura muito diferente de Biden ao pensar na questão de Cuba e Venezuela, por exemplo", apontou.

Parceria comercial

Segundo ele, não é esperado o fechamento de grandes acordos, já que o foco da agenda é político e simbólico. "Lula deve fazer sinalizações sobre a relevância da parceria comercial com os Estados Unidos, que vem perdendo espaço para a China na nossa balança comercial, mas não se espera nada muito concreto em relação a acordos comerciais", disse.

Outra discordância apontada pelo especialista é em relação à guerra da Rússia na Ucrânia e a aproximação do Brasil com a China, em embate comercial com os EUA.

"O Brasil não compartilha da mesma visão dos Estados Unidos, por exemplo, na questão da guerra da Rússia na Ucrânia. Lula já fez algumas sinalizações para a Rússia, tentou colocar a culpa nos dois lados e se posiciona como um país que não defenderá sanções a nenhum dos lados justamente para atuar como

Ricardo Suckert/PIR



O presidente Lula e a primeira-dama Rosângela da Silva, a Janja, desembarcaram, ontem, na base aérea de Andrews, em Washington

Pautas da agenda bilateral

Melo ambiente

Reativação do compromisso brasileiro com a conservação ambiental e a busca por um maior engajamento dos países desenvolvidos no cumprimento de seus compromissos de financiamento na área climática. O Brasil já sinalizou um "impulso especial" na questão durante a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP27), em novembro. Agora, Lula e Biden devem unir os esforços para engajar outros países.

moderador, mas existem dificuldades", avaliou. Wagner Parente, consultor em relações internacionais, analisou

Direitos humanos

Combate à fome e à pobreza em âmbito global, direitos dos povos indígenas e enfrentamento ao racismo, além da integração dos dois milhões de brasileiros que vivem nos Estados Unidos.

Democracia

Ataques golpistas de 8 de janeiro no Brasil, mensagem de forte apoio aos processos político-democráticos, com o uso adequado das redes sociais e o combate ao extremismo, além de discussões sobre regulação e responsabilização das plataformas

que o chefe do Executivo também deverá ser questionado sobre temas geopolíticos, como a situação da Venezuela.

para impedir a difusão de ódio e crimes pela internet.

Guerra na Ucrânia

O petista quer se colocar como um intermediador da paz na Ucrânia. No entanto, Lula também deverá ser questionado sobre a situação política da Venezuela, de Nicolás Maduro.

Economia

Na esfera econômica, buscarão a dinamização de investimentos, em particular na transição energética e geração de energia limpa, e uma maior integração das cadeias produtivas.

"Acredito que os EUA estão mais interessados num diálogo com o Brasil em relação à situação da Venezuela do que no

conflito da Ucrânia. Lula gosta de abordar o assunto para se colocar como um estadista, mas tenho dúvidas sobre o quanto o Departamento de Estado Americano o leva a sério neste momento, considerando que o principal ponto na América Latina é a Venezuela e está mal resolvido", destacou. "Então, se não resolveu Venezuela, é muito difícil esperar que Lula se coloque como um grande mediador para a questão da Ucrânia e da Rússia."

Paulo Roberto de Almeida, diplomata aposentado, afirmou que "será uma viagem sobretudo política, para brilhar um pouco mais a estrela do Lula no plano internacional, mas sem grandes desenvolvimentos práticos, seja no plano bilateral para os dois países, seja no plano multilateral, no plano da paz e da segurança internacional."

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política Pagina: 2